



**HAL**  
open science

# De volta ao Père-Lachaise. Alguns passos com Colette Pétonnet

Fabienne Wateau

► **To cite this version:**

Fabienne Wateau. De volta ao Père-Lachaise. Alguns passos com Colette Pétonnet. Vivência, 2022, 1 (59), pp.329-355. 10.21680/2238-6009.2022v1n59ID31081 . halshs-04238047

**HAL Id: halshs-04238047**

**<https://shs.hal.science/halshs-04238047>**

Submitted on 11 Oct 2023

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## DE VOLTA AO PÈRE-LACHAISE: ALGUNS PASSOS COM COLETTE PÉTONNET<sup>1</sup>

*REVENIR AU PÈRE LACHAISE: QUELQUES PAS AVEC COLETTE PÉTONNET*

Fabienne Wateau<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Université Paris Nanterre, Nanterre, França

**Tradução:** Annye Cristiny Tessaro

“Dois livros magistrais, três obras sob sua direção, [...] sessenta artigos, [...] com uma preocupação de precisão etnográfica e elegância literária”, estas poucas palavras resumem o trabalho de Colette Pétonnet (PAQUOT, 2013, p. 2). E que trabalho. Seu primeiro livro, sua tese de pós-graduação, foi também sua primeira obra publicada pela Maspéro, em 1968. Intitulado *Ces gens-là*, que trata de um estudo em uma *cit  de transit*<sup>2</sup>, foi imediatamente traduzido para o inglês e publicado em 1973 com o título *Those People. The Subculture of a Housing Project* pela Greenwood Press. Em 2017 foi reeditado em francês pela CNRS  ditions.

Sua segunda obra, sua tese de qualificação<sup>3</sup>, foi publicada em dois volumes pela Galilée, em 1979, *On est tous dans le brouillard. Ethnologie des banlieues*, e em 1982, *Espaces habit s. Ethnologie des banlieues*, que também foi um sucesso. O primeiro volume foi reeditado em 1985 em uma versão ampliada (Galilée), uma versão de bolso em uma única obra compilada e publicada pela CTHS em 2002, e depois em 2012 (terceira edição). Entre seus renomados artigos, “*L’observation flottante. L’exemple d’un cimet re parisien*”<sup>4</sup> deixa uma marca indelével. Publicado na revista *L’Homme* em 1982, foi traduzido para o alemão e publicado em versão anotada em 2003, depois para o português do Brasil em 2008. Sem dúvida, ele apresenta “sua mais bela invenção: a observação flutuante” – como diz o prefácio da última obra compilada de seus textos (PÉTONNET, 2018, p. 13). Para Colette Pétonnet, acrescenta-se,

[...] responde com um vivo sentido de invenção, por meio de uma bricolagem adaptada a cada campo com a constante preocupação de sempre confrontar observações e discursos, [...] e com a obrigação de aprimorar a metodologia   medida que a pesquisa é realizada [...] a fim de captar as particularidades da investigação urbana (PÉTONNET, 2018, p. 10-11).

A observação flutuante, uma invenção metodológica aplicada ao mundo urbano, afinal, absolutamente inovadora na França no final dos anos de 1970 – e, sem dúvida, também do mundo inteiro.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

Ousar a flutuação metodológica, tentar a flutuação heurística ..., tal como foi a atitude metodológica proposta, que alguns de nós em Nanterre, então estudantes, teve a oportunidade de experimentar ao seu lado. Essa abordagem visava afastar-se “de uma antropologia que, até então, tinha sido exclusivamente responsável pelos traços culturais e pelas formas de organizações ditas simples, exóticas ou camponesas, com população reduzida” (PÉTONNET, 2018, p. 8). No entanto, a este respeito, a flutuação como princípio metodológico proposto por Colette Pétonnet já não me parece ser meramente metodológico atualmente. Ela prenuncia esse desafio teórico na disciplina que ela havia assumido e que, surgindo, iria se desdobrar. Colette Pétonnet experimentou muitas outras condições antes de chegar à antropologia e, diante de populações multiculturais mais densas e mistas, entre favelas, subúrbios e conjuntos habitacionais, ela ajudou a iniciar na França – junto com outros – uma forma de pós-folclorismo e pós-exotismo na disciplina, uma forma diferente de trabalhar como antropólogo, repensando em suas abordagens os modos de fazer e de pensar esse Outro que nos cerca. À medida que o informante se tornava um interlocutor, o desafio era também de encontrar maneiras de falar sobre etnologia para “etnólogos que não estavam preparados para a navegação visual entre os recifes e lodaçais de suas próprias sociedades” (PÉTONNET; POUCHELLE, 1989, p. 190). A partir deste preâmbulo contextual, partimos novamente para o Père-Lachaise, lembrando-se dela.

\*\*\*

*Janeiro de 2018, de volta ao Père-Lachaise. Percorrer as avenidas, as ruas, os caminhos; olhar, não se apressar; tentar entender a atmosfera, as pessoas, os ritmos, os frequentadores. Eu espero. Aprender a esperar, a não me apressar, a não ter medo de não encontrar, de imediato, o assunto que preciso apreender. Foi isso que Colette Pétonnet nos ensinou. Os anos se passaram. Foi em 1987 que caminhamos pelo Cemitério Père-Lachaise com ela. Já faz mais de trinta anos. E sempre o desejo de dar-lhe algo em troca, um artigo, um objeto, de dizer-lhe o quanto suas aulas nos marcaram, nos determinaram e nos moldaram. Eu me sento. E olho as fotos que tirei na época, para o meu arquivo. Fotografias de estátuas tocadas, esfregadas, polidas. Um pé, um seio, um crânio. O crânio de Kardec, a escultura<sup>5</sup> de Victor Noir, jornalista assassinado no auge de sua vida por Bonaparte, com seu corpo bem moldado. Vou lá no inverno, na chuva. E, ainda, em outra quarta-feira, desta vez sob a neve. Depois volto lá com Isabelle Bouard, outra estudante daquela mesma turma de 1987, que também se lembra das aulas de Colette Pétonnet, ainda entusiasmada e comovida com o que ela nos ensinou. O sol já está ficando mais brando e o cemitério se*

*transforma em jardim. Faça novas fotos de casais se beijando, bancos ao sol, populares, e de Isabelle chegando.*

Em um livro dedicado a ela, Anne Raulin dá a Colette Pétonnet uma voz de contralto, com suas explosões, suas dúvidas, seus desgostos; e um estilo de escrita que sabe contar uma história, capta e tira, desnuda. Anne também fala dela como uma cabra de Monsieur Seguin, independente, querendo a todo custo o ar livre e a liberdade (RAULIN, 2018), de uma iconoclasta, de um antichefe (RAULIN, 1996). “A cidade, é a liberdade”, conceituava Colette (PÉTONNET, 1982, p. 38). E foi também o seu inconformismo e a sua grande liberdade de pensamento que nos encorajou a percorrer caminhos que ainda não foram traçados – aponta Catherine Choron-Baix (1996, p. 9). É um conhecimento encarnado, alimentado por encontros reais; um livro de ciências que também é humano; “É isso que eu quero fazer”, diz sobre ela Virginie Milliot (2018, p. 35), diz ela, sem fôlego, lendo e relendo passagens de *On est tous dans le brouillard* (PÉTONNET, 1979).

Colette, eu acho, ou você ama ou odeia. No final de sua primeira aula, uma vez que ela anunciou o que esperava de nós, um terreno de “observação flutuante” no cemitério Père-Lachaise, alguns nunca mais voltaram. Abandono habitual entre as opções de ensino? Medo de não saber o que fazer em um cemitério, de profanar lugares ou tristezas, de chegar muito perto da morte, do mórbido? Ou, ainda, relutância em ter que lidar com essa professora incomum e tão pouco convencional? Porque, de fato, a “grande dama” – como também a chamam as antropólogas brasileiras Claudia Fonseca e Claudia Turra Magni (2014, p. 406) – poderia, às vezes, ter uma abordagem um tanto direta, sem desvio. Até áspera: “Não há tempo a perder com cerimônias”, diz ela, “há coisas realmente mais urgente e mais importante a fazer”; ou ainda, ao devolver nossos trabalhos de pesquisa: “Só dou apenas duas notas, 14 e 10, porque vocês não podem achar que vão entender as relações humanas em três meses; quanto a perder tempo com os maus estudantes e fazê-los passar o exame de recuperação, nem pensar...”. A sutileza de sua pena, a meticulosidade de suas observações e descrições etnográficas, a delicadeza da restituição de seus encontros – sensíveis e envolvidos, diz Virginie, uma antropóloga de sentimentos e sensações, diz Anne –, de certa forma destoava sua determinação, seu tempo não ser desperdiçado, as vezes uma descortesia diante da administração e dos seus colegas<sup>6</sup>. Como ela diz em sua “Autobiografia no ritmo constante ...”, ela chegou tarde à antropologia, já tinha vivido muito (PÉTONNET; LACASCADE, 1998). Uma distância, não do pensamento acadêmico, mas de academias de todos os tipos, argumenta Yves Lacascade (2013, p. 293), um desprezo pelas hierarquias e uma repulsa visceral por qualquer coisa que se assemelhe de perto ou remotamente a uma capela, diz Jacques Katuszewski (1996, p. 19), e este fascínio que ela exercia sobre os estudantes e o público que tiveram a sorte de conhecê-la (LACASCADE, 2013, p. 293).

Essa personalidade fora do comum não é uma anedota. Foi um verdadeiro espaço para respirar em Nanterre, um direito de pensar diferente, de ser diferente, de tomar o seu tempo, de duvidar e, em seguida, de encontrar uma maneira de nos afirmarmos desde que investíssemos em altos padrões e qualidade. E “um pensamento verde [...], no sentido de que dizemos que *temos um dedo verde*, aquele que faz as plantas crescerem”, diz Anne Raulin sobre sua pesquisa [...], acrescentando: “para mim, Colette é a eficácia intelectual da insolência” (RAULIN, 1996, p. 12). Muitos de nós admiramos o caráter de Colette Pétonnet. E muitas vezes ainda penso nela, diante de meus alunos, tanto pelo cuidado e importância que ela deu ao campo, às coisas e às pessoas, ao acaso, como pela sua maneira de descartar como inútil o que não era importante, de inverter as questões para testar a sua relevância, ou mesmo de nos convidar a refletir sobre quem somos, de onde viemos, o que apresentamos sobre nós mesmos, de modo a manter a máxima honestidade e lucidez em nossas relações com os outros. Anne Raulin nos lembra que sua pesquisa de campo, que dá uma parte significativa à interpretação psicanalítica, e que traz competência etnológica à análise dos indivíduos em contato com seu próprio ambiente (RAULIN, 2018) – ela tinha refletido sobre isso com um de seus “professores”, Roger Bastide, que ela chamava de “patrão” – e que ela nos convidava a sermos sensíveis a esta interpretação e a levá-la em consideração. Transmissão em abordagens e através de gerações; “como uma necessidade de realizar a junção entre antropologia e psicanálise” (RAULIN, 2018, p. 29); ela convidava nossos **Eus** a se conhecerem primeiro para poder em seguida falar de **Nós** e dos outros. Além do método antropológico – ou o que provavelmente deveria ser um dos primeiros princípios do método antropológico – o que ela transmitiu também se tornou lições de vida.

## À PROVA DE OBSERVAÇÃO FLUTUANTE

Em seu artigo, Colette Pétonnet não diz *eu*. Ela diz *nós*, ou seja, *o pesquisador*. Publicado em *L'Homme* em 1982, após alguns meses de trabalho de campo realizado no mesmo ano, ela esboçou em *L'observation flottante. L'exemple d'un cimetière parisien*, um programa de pesquisa que nunca será realmente concluído. Membro do Laboratório de Etnologia e Sociologia Comparada (LESC) em Nanterre de 1981 a 1989, ela nos enviou ao Cemitério Père-Lachaise, nós – os aprendizes de Etnologia do Lesc e do departamento – para testar e reforçar suas hipóteses<sup>7</sup>. Em 1987, ano do mestrado em que Isabelle e eu seguimos seus passos, seu curso se chamava “Prática da etnologia nas cidades”. No entanto, seu propósito não era mais trabalhar *na* cidade, mas *sobre* a cidade. Ela explica isso no resumo de seu artigo: “Sendo a cidade o lugar de todas as misturas, é apropriado estudar seus vários ambientes. No entanto, todos os tipos de realidades urbanas, desde móveis à locais públicos, resistem à investigação.

O fenômeno urbano do encontro, em particular, não revelou seus segredos” (PÉTONNET, 1982, p. 47).

É precisamente este *fenômeno urbano* que lhe interessa, que ela define como sendo de fluxos, de circulações, as ruas, as multidões, os transeuntes ..., e correlativamente, o anonimato, os encontros informais. Mais explicitamente em sua autobiografia, ela revela seu método:

O que é específico do ambiente urbano é a “diluição”, a falta de relações de interconhecimento. [...] Se você está na esquina da sua própria rua, na cidade, a poucos passos da sua casa, procurando por um rosto que você reconhece (por exemplo, o cara que te vende verduras no mercado todos os dias), quantos estranhos passam em um trânsito quase ininterrupto? Claro que não é fácil “trabalhar” nas ruas, nesses fluxos, nessas ondas perpétuas. Muito rapidamente, não sabemos mais a que nos agarrar, especialmente porque o pesquisador não tem mais um corrimão, um modelo ou uma muleta para seguir em frente. Assim, eu me “divertia” por um tempo provocando encontros, conversando com qualquer pessoa, em qualquer situação, para observar as reações e entender como “isso” funcionava. E descobri códigos implícitos. [...] [Mas] a rua é feita para circular e não para estagnar. O anonimato é perfeito quando o tráfego também é perfeito, tanto fluido quanto denso. [Então,] depois, procurei lugares onde o tráfego parasse um pouco, onde fosse possível sentar e descansar, nem que fosse só por um momento. Claro, há as salas de espera e depois trabalhei muito no Cemitério Père-Lachaise. (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 20-21)

Este método de *observação flutuante*, testado mais silenciosamente no Cemitério Père-Lachaise<sup>8</sup>, consiste em “permanecer em toda circunstância livre e disponível, não concentrando a atenção em um objeto específico, mas deixando “flutuar” para que a informação penetre nele sem filtro, sem *a priori*, até que surjam pontos de referência e convergências e, então, se descubram as regras subjacentes” (PÉTONNET, 1982, p. 39). Em outras palavras, ele consiste em deixar vir os encontros e as situações, lidar com o acaso, a aceitar receber e/ou entrar em contato com as pessoas, a se abrir plenamente aos outros, a criar oportunidades informais, reais e sensíveis. E a extrair informações suficientes para analisar as lógicas e os códigos. Esta observação flutuante seria – segundo a interpretação proposta pela antropóloga brasileira Soraya Silveira Simões – uma observação “desendereçada”, e cujo destino de uso (do cemitério, por exemplo) pode parecer insuspeito (SILVEIRA SIMÕES, 2008). Uma comparação é feita aqui com a técnica de “atenção flutuante” defendida por Freud aos adeptos da psicanálise, que consiste “numa suspensão tão completa quanto possível de tudo aquilo que a atenção habitualmente focaliza: tendências pessoais, preconceitos, pressupostos teóricos”; a recomendação técnica de atenção flutuante correspondente da regra da associação livre

proposta ao analisando (SILVEIRA SIMÕES, 2008, p. 194)<sup>9</sup>. No Brasil, este artigo de Colette traduzido para o português em 2008, tornou-se leitura obrigatória nos cursos de método em antropologia (FONSECA; TURRA MAGNI, 2014). Virginie Milliot (2018, p. 39) confirma que este artigo é sistematicamente lido por todos aqueles que buscam pesquisar a rua como antropólogo, mas que sua leitura é muitas vezes decepcionante para aqueles que procuram chaves do método. Certamente, não foi fácil entender esta abordagem em Père-Lachaise, e nós estávamos todos, principalmente no início, bastante confusos. Mas à maneira de Colette, e especialmente ao seu lado no cemitério – nos filiando ao estilo de aprendizagem que ela mesma recebeu, “[...] em que se trabalha ao lado do mestre, tal qual os aprendizes de outrora, para adquirir as sutilezas do ofício [...]” (FONSECA; TURRA MAGNI, 2014, p. 408) – foi sem dúvida mais fácil para nós, seus alunos, de aceitar e se deixar “flutuar”, aprendendo a coletar o menor fato. E nisso o método não foi muito diferente do resto da disciplina: estar atento, coletar, prestar atenção aos mínimos detalhes, saber olhar<sup>10</sup>, construir uma etnografia que pudesse levar a uma teoria – e nunca o contrário, evidentemente – praticar um “empirismo irredutível” – nas palavras de Lacascade (2013). Nós não nos tornamos necessariamente antropólogos do urbano, ou se somos às vezes, dependendo dos sujeitos e locais onde trabalhamos<sup>11</sup>, é a maneira como Colette Pétonnet também recusou essa redução, aquela que teria pressuposto uma dicotomia rígida entre o que seria urbano e o que não seria (MILLIOT, 2018, p. 36). Portanto, sempre foi, e ainda é, uma questão de encontrar o método certo.

E sem dúvida é para mim do lado do método, palavra-chave, que estão as melhores lições a serem aprendidas com o seu ensino e a formação na área que ela nos ofereceu. Colette Pétonnet explica isso referindo-se a outro de seus professores, Leroi-Gourhan (1998, p. 29):

Mesmo assim, tivemos um mestre bastante formidável [...], que cuidava para que não quebrássemos nossas costas e que nos dava liberdade. Ele costumava dizer: “Você deve ter uma imaginação sociológica, você é livre quando tem uma boa colheita de materiais, você deve ser livre em suas interpretações”. [...] Eu ensino aos alunos que seus olhos são tão bons quanto os dos outros [...] me deram total confiança e tento retribuir àqueles que estão começando.

Esta confiança total, desde que mostrássemos rigor, foi de fato transmitida a quem estivesse disposto a se comprometer com ela. E fazer uma boa colheita de materiais e depois saber analisá-los, foi ela, também, quem nos ensinou a manter nossos cadernos de anotações de campo – na época não havia cursos de método em Nanterre; cada um de nós deveria se virar com suas próprias sensibilidades, seus objetivos e seu “bom senso”. Nossos dois cadernos: o caderno principal, cuidadosamente guardado e protegido do menor incidente; e o caderninho de bolso, por todo tempo. O caderno principal tem que ser de boa qualidade, suficientemente grande

para uma escrita confortável, com páginas costuradas em vez de coladas para evitar surpresas desagradáveis, de capa dura e, especialmente, sem espiral, pois nenhuma página deverá ser arrancada do caderno principal. Cada página é numerada; cada informação é colocada à noite, antes mesmo de falar com qualquer pessoa, para uma reconstituição o mais fiel possível. Na pior das hipóteses, se você estiver exausto à noite, escreva de manhã ao acordar, mas sempre sem ter falado a ninguém, porque explicar a alguém já é dar uma interpretação dos fatos. Mais tarde, depois de discutir com outros, será possível continuar a escrever neste caderno maior onde se poderá observar os avanços do pensamento e do raciocínio, as boas pistas ou, ainda, os erros de interpretação, as armadilhas. No caderninho de bolso, com uma caneta ou lápis, escreva apenas uma informação por página: o nome da pessoa que você encontrou, um número de telefone, um lugar, uma ideia, um esboço, um dado numérico, um início de um raciocínio etc. O caderninho é um auxiliar de memória, uma ferramenta para o momento, não é necessariamente destinado a durar no tempo, e suas páginas podem ser arrancadas se necessário, ou mesmo ser todas destacadas no momento da análise e reorganizadas por tema, para uma síntese inicial dos materiais – o que pessoalmente nunca fiz. Estou bem ciente de que os estudantes agora tomam suas anotações diretamente no computador, que eles reintroduzem em seu “caderno de campo digital”, no meio de sua prosa, as possíveis omissões dos dias passados, interferindo na diacronia e no progresso do raciocínio, sem levar em conta nem a data nem a paginação, que o computador, em qualquer caso, atualizará. Mas, ocasionalmente, continuo a falar com eles sobre este método da época, de manter um caderno de campo, que me pareceu particularmente relevante, e que continuo a aplicar, ainda hoje, inserindo no meio das páginas as várias pequenas notas (entrada do museu, exposição, touradas, missiva, mapa, desenho ...) relativos ao campo – o que me obriga a admitir que faço tiras elásticas de meias ou cuecas, feitas sob medida, para manter tudo bem fechado e evitar que os papéis soltos se espalhem. E por causa do “olho que sabe olhar” (ver nota acima), também convido meus alunos a praticar o desenho à mão livre – e se mesmo que as máquinas possam fazer tudo justamente – assim como a própria Colette me convidou para fazer um estágio no Musée de l’Homme, para refinar o meu olhar, desenhar os objetos e aprender a encontrar a palavra certa para as suas descrições; estas famosas fichas de inventário dos quais tantos antropólogos tentaram e treinaram, que desapareceu da formação universitária em etnologia, mas que mantenho como um exercício quase intocável no curso “Objetos e Sociedades” que leciono no Musée du Quai Branly, um espaço com objetos que se prestam a ele<sup>12</sup>.

Encontrar o método, o bom método, ou até mesmo inventar um método para que você possa ajustá-lo a um campo específico... isto também é o que Colette Pétonnet nos ensinou (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 10). Inventar e confiar em si mesmo, se virar sobre campo e na observação,

escrita e reconstituição. Tudo isso não era nada flutuante, mas muito rigoroso, pelo contrário, exigindo de si e dos outros precisão e sistemática, como deveria ser sistemático o registro diário dos dados no caderno. Na escola do empirismo de Colette Pétonnet: “Nade primeiro e veja aonde ele leva”, o que também implica “a flexibilidade do pesquisador” (“você chega em algum lugar pensando que está procurando algo, depois aparece outra coisa e você tem que saber ser flexível para se colocar no campo onde a pesquisa promete ser a mais rica, a mais frutífera” (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 26); também tento passar algumas dessas boas ideias aos meus alunos. Mesmo que isso signifique convidar os melhores estudantes, quando estão envolvidos em suas ansiedades ou no medo de se permitir, a fazerem sobre si mesmos este precioso trabalho<sup>13</sup>.

Este artigo de Colette Pétonnet continua exploratório, com caminhos teóricos e metodológicos iniciais, mas na realidade não deu realmente resultados. No entanto, ele apresenta uma bela etnografia.

## ÁREAS, FLUXOS E OBJETOS ... CERCA DE 30 ANOS DEPOIS

19 de fevereiro de 1987: Na primeira aula, Colette Pétonnet explicou o que esperava de nós: realizar um trabalho de campo em um espaço público; teríamos que fazer um levantamento do cemitério Père-Lachaise, em Paris, a partir da próxima aula; ela viria conosco a cada sessão. Muito trabalho já havia sido feito nos cemitérios desde o fim do século XIX, e em particular sobre epigrafia, estética e arquitetura das lápides, a evolução da estatuária e a arte<sup>14</sup>. Ela também citou uma frase de André Leroi-Gourhan (1964, p. 209), que anotei cuidadosamente, mas que ainda não estou certo de entender corretamente: “Admitir a realidade do mundo do pensamento diante do mundo da matéria [...] não diminui o fato de que o pensamento se traduz em matéria organizada”. Em seguida, ela deu alguns caminhos possíveis de pesquisa. Nosso campo de pesquisa poderia, por exemplo, incidir sobre: os muitos estrangeiros falecidos e as epígrafes dedicadas a eles; nos símbolos mortuários, como as profissões indicadas por ferramentas; nos rebanhos de gatos divididos em territórios<sup>15</sup>; na fauna, flora, tanatologia, as cerimônias fúnebres; as pessoas ilustres (“pois, as pessoas comuns são uma exceção”); as crenças e devoções particulares (como aquelas associadas a Alan Kardec, Jim Morrison, Frédéric Chopin, Heloisa e Abelardo etc.); naqueles que vivem do cemitério (marmoristas, pedreiros, zeladores, jardineiros do parque, coveiros etc.); naqueles que o frequentam (pessoas do bairro como jardim público, idosos ou crianças muito pequenas, turistas, homossexuais etc.). Père-Lachaise é uma enciclopédia, escreve ela, e não esqueçamos que “o espaço urbano pertence a todos” (PÉTONNET, 1982, p. 38 e 43). Optei por trabalhar com “aqueles que o frequentam”, concentrando-me sobretudo nas zonas de frequentadores, em certos túmulos de pessoas

ilustres que ainda são frequentados e nas estátuas polidas e esfregadas. Voltando à minha pasta do curso da época, encontrei meu arquivo datado e anotado de junho de 1987; mapas, plantas, algumas fotos; um livreto gratuito da prefeitura de Paris sobre a rota dos Marechais para o cemitério Père-Lachaise; as anotações que eu tinha feito em campo. No mapa que acompanha o meu arquivo estão distinguidas sete zonas e quinze sepulturas de celebridades. Quatro “zonas felinas”, territórios protegidos por “senhoras” que os frequentam diariamente e levam água e comida aos felinos, controlam sua saúde e cuidam da sua proliferação, e que estavam localizados entre a 53ª e a 56ª divisão (com doze gatos, me disseram precisamente), entre a 13ª e a 11ª divisão, entre a 32ª e a 15ª divisão (mas aqui, era um senhor que cuidava dos gatos), e na esquina da 42ª divisão<sup>16</sup>. Duas áreas de assiduidade permanente, equipadas com bancos populares, que correspondem a duas principais praças do cemitério: a Place de la Chapelle, na 55ª divisão, e a Rond-point Casimir Périer, entre a 18ª e a 13ª divisão – sentadas sob o abrigo das grandes árvores, estavam entre outros “assíduos”, guias improvisados do cemitério contando seus encontros com turistas estrangeiros, senhoras dos gatos comentando a situação, caminhantes locais curtindo o jardim e os idosos<sup>17</sup>. E uma vasta área muito movimentada que se estende da 19ª a 28ª divisão, na metade leste do cemitério, a mais irregular, arborizada e acidentada, com difícil acesso por uma grande escadaria, que se caracterizava por um grande tráfego, mas também por esperas em frente a certos túmulos, que eram, então, pontos de encontro de uma população de homens que ali se reuniam, e com os quais se misturavam os muitos turistas que haviam se perdido no caminho nesta parte mais selvagem do lugar<sup>18</sup>. Entre as celebridades, que na época eu havia distribuído em três grupos, aquelas visitadas por pertencerem ao mundo dos escritores, da música, do entretenimento ou do canto; aqueles cujos túmulos são objeto de devoção; e aqueles cujas lápides ou estátuas mostram vestígios de toque – as categorias às vezes se sobrepõem – são respectivamente mencionadas as sepulturas de Frédéric Chopin, Simone Signoret, Édith Piaf, Jim Morrison, Sadegh Hedayat; as dos espíritas Alan Kardec, Gaétan Leymarie, Louis Haasser, Gabriel Delanne e, por extensão, mas por outras razões, Le Bon Berger e Barthélemy Infantin (conhecido como o Padre Infantin); e, finalmente, os de Victor Noir, Ferdinand Barbedienne, Georges Rodenbach, Louis Auguste Blanqui.

Como um circuito a ser repetido e encontros para refazer, voltei ao cemitério com meu antigo mapa em mãos, em busca dos lugares que eu havia identificado na época. De volta à etnografia bruta, portanto, para esta “revisitação de campo” trinta anos mais tarde:

*Revisitar o Père-Lachaise, seguindo os passos de Colette Pétonnet em 1987. Volto lá várias vezes. 31 de janeiro de 2018: Depois da aula do Descola, faz bastante frio e chove. Atravesso o cemitério, explorando: as pessoas em Kardec, lembro-me,*

*encontro Barbedienne... depois vou tomar um chá no bairro [...] para conhecer a pequena Elen. 7 de fevereiro: [...] desta vez neva, e ainda está muito frio. Muitas pessoas perto de Kardec, sempre florida, como de costume. E uma cerimônia no Colombarium. 7 de abril: Isabelle Bouard se junta a mim [...] contamos uma a outra o que poderia ser mencionado no artigo. [...] Ela dá outros detalhes e situações sobre Pétonnet que eu tinha esquecido [...] e me lembra dos outros alunos que estavam conosco naquele curso [...] nós vagamos por aí e acabamos no café para nos esquentar. 24 de julho: Está muito quente, eu tinha esquecido que as velas são de paralelepípedos e meus pés rapidamente doem em minhas sandálias de verão. [...] Chego a Père-Lachaise por volta das 14h30, pela estação de metrô Père-Lachaise e pelo boulevard de Ménilmontant. No portão de Amandiers há uma jovem vendendo mapas a 2,50 euros e postais por 1 euro – reconheço em um deles a estátua de Victor Noir. [...] É caro este mapa. Pergunto se não tem mais os gratuitos lá embaixo, na entrada principal, e ela me diz que não, que já faz muito tempo. [...] Eu digo a ela que vou comprar um mapa, mas que também irei tirar uma foto dela [...] para documentar meu roteiro, que de fato começa fora do cemitério, em um de seus quatro portões possíveis. Em seguida, subo a avenida oeste e viro em direção à Conservação, o prédio da recepção no portão principal. Um casal de espanhóis está se divertindo com corvos (não vi nenhum gato naquele dia – eles foram erradicados pela prefeitura ao longo dos anos? – mas muitos corvos nos corredores e no chão, implorando por comida, chegando muito perto do banco onde a moça estava deitada enquanto seu companheiro tirava uma foto dela) [...]. Ela vai acabar se assustando com isso, rindo, e depois vai alimentá-los [...] já um senhor se aproxima do banco onde consegui me sentar, procura meu olhar, sobe pelo caminho do Hautoy, depois volta e, vendo meu mapa em mãos, me pergunta se eu sei onde está o túmulo de Édith Piaf. [...] – “fica exatamente no oposto do cemitério, em cima à direita, divisão 97”. Então, ele me diz que não terá tempo, que precisa ir embora às 16h. Eu lhe digo que é viável, porque não é tão grande assim e que se ele subir a avenida principal e pegar a grande transversal, ele chegará lá rapidamente. Aqui estou eu, informando as pessoas, como se eu fosse uma “assídua”, isso me diverte e me faz lembrar de Pétonnet. Continuo e, alguns passos adiante, desta vez é uma senhora e seu filho, em seus trinta anos, de olhos azuis, talvez das Antilhas, que me pergunta se eu sei onde está Dalida. Olho no mapa porque isso não me diz nada; ela não aparece na lista. Ela se pergunta se Dalila está registrada lá com seu*

nome verdadeiro; ela tem certeza de que Dalida está em Père-Lachaise pelo menos? Ela me responde afirmativamente. Aconselho-a a ir na Conservação onde eles devem saber. Ela vai. Muitos turistas, apesar do calor, eu caminho, eu me movo lentamente. E quando eu mesma chego à Conservação, saúdo a senhora que já está saindo. Ela encontrou Dalida? – Ela está em Montmartre. – Não está em Montparnasse? – Não, não, em Montmartre. Trocamos um largo sorriso.

Na entrada da Conservação, onde já na parte inferior estão mapas gratuitos e de livre acesso, e um senhor pronto para dar informações, uma placa quase bloqueia a entrada, indicando que o túmulo de Jacques Higelin está na divisão 20, em frente ao de Alain Baschung. A rota a seguir é indicada: “vá para a rond-point Casimir Périer, na Avenue de la Chapelle, à direita”. Em seguida, embaixo, em letra menor, em outra folha, está indicado o túmulo de Pierre Bellemarre (5ª divisão). Depois, a de Paulette Coquatrix (96ª divisão). Tirei uma foto. Um cemitério é dinâmico, o mapa tem que ser constantemente atualizado. Há também variações perceptíveis entre os dois mapas que tenho agora em mãos. No mapa comprado, como uma batalha naval, o cemitério é dividido em quadrados de igual tamanho e os falecidos famosos são identificados por uma letra e um número: J8 para Apollinaire; M9 para Chopin, L7 para Sarah Bernhardt etc. No mapa gratuito, a lógica adotada é das divisões do cemitério, uma divisão irregular de acordo com a morfologia do local, delimitada por caminhos ou avenidas (não vejo ruas) e particularmente irregular na parte mais antiga, mais arborizada e mais íngreme. Respectivamente, Apollinaire, Chopin e Sarah Bernhardt estão nas divisões 86, 17, 44. [...] Os nomes também mudam: no mapa gratuito, chama-se Rond-point Casimir Périer, enquanto no mapa comprado é chamado de Carrefour du Grand Nord. [...] Poderíamos comparar os nomes famosos relatados nos mapas destinados aos visitantes: no gratuito, oitenta e cinco os “túmulos das personalidades mais procuradas” estão listados em ordem alfabética, a escolha é bastante “francesa”; no vendido são indicados – talvez? – todas as personalidades do cemitério (733 no total), enfatizando seu cosmopolitismo, cujos vinte e um nomes aparecem destacados em negrito. Entre estes nomes destacados, os dois mapas têm em comum dezenove personalidades<sup>19</sup>: Apollinaire (86), Balzac (48), Bécaud (45), Chopin (11), Corot (24), Courteline (89), Delacroix (49), Heloisa e Abelardo (7), Kardec (44), La Fontaine (25), Molière (54), Morrison (6), Nadar (36), Piaf (97), Proust (85), Rossini (4), Sarah Bernhardt (44),

Salvador (97), Wilde (89). O mapa comercializado é de 2018, e já lista Henri Salvador que faleceu em 13 de fevereiro de 2018, mas ainda não consta Jacques Higelin que faleceu em 6 de abril [...]. O mapa da Conservação data de 2016.

Mas vamos continuar o passeio, e o que me traz mais precisamente hoje ao Père-Lachaise, ou seja, encontrar as sepulturas devocionais, comoventes e as celebridades que eu tinha identificado na minha dissertação de mestrado de 1987 [...] Na verdade, tenho um terceiro mapa em mãos, o meu [...] cujo fundo é a fotocópia de um mapa gratuito da época, na qual aparecem várias das minhas indicações coloridas. Não é tão surpreendente, sem dúvida, que as pessoas me parem para obter informações. Dirijo-me ao monumento de Heloisa e Abelardo, um clássico da visita, localizado ainda no caminho que leva ao túmulo mítico de Jim Morrison. Algumas pessoas. Um senhor explica a história para suas filhas, e a mais velha, uma adolescente, parece achar muito interessante. Então, eu pego a primeira à direita e a segunda à esquerda para me deparar com o agrupamento habitual em torno do túmulo de Jim Morrison. As cercas metálicas impedem que as pessoas se aproximem – o que é uma novidade em comparação com 1987. Uma árvore coberta com pano recolhe milhares de gomas de mascar depositados ali, e as selfies que agora são tiradas com Morrison, através de sua sepultura interposta<sup>20</sup>. Foto. [...] Mais adiante, não encontro a estátua polida que eu tinha identificado na época; a que vejo, um corpo curvo cujo braço está levantado, não mostra (ou não mais?) nenhum traço particular de contato<sup>21</sup>. Volto a subir pela avenida circular a oeste, procurando por duas outras sepulturas tocantes: Enfantin (conhecido como o Padre) e o Bom Pastor. De repente, esbarro novamente no senhor de antes, que finalmente encontrou o túmulo de Edith Piaf, descendo rápido o suficiente para não se atrasar. Ele me pergunta onde fica a saída: – no fundo. Encontros e trocas improváveis, mas possíveis, onde as pessoas se cruzam, benevolentes, porque não há aposta nem continuidade prevista. As virtudes do anonimato na cidade e nos espaços públicos, o anonimato como um “filme protetor” para citar um de seus títulos<sup>22</sup>, e este famoso conceito de liberdade. O Bom Pastor, portanto, uma estátua de bronze de corpo inteiro representando Cristo acompanhado por duas ovelhas e carregando um cordeiro em seu ombro, cercado por um portão de ferro forjado. Embora o recinto esteja fechado (mas a porta esteja aberta), as ovelhas têm focinhos polidos, brilhantes, lustrados e amarelos (Figura 1).

Figura 1 – O Bom Pastor, focinho brilhante, 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

*Eles são tocados<sup>23</sup>. E flores frescas foram colocadas lá. Enfantin não muito longe, um busto de mármore marca sinais de uma presença diferente. Na grade que o rodeia, amarram-se fitas coloridas que significam presença, passagem, devoção (Figura 2).*

Figura 2 – Barthélemy Enfantin, em 1987 (esquerda) e 2018 (direita)

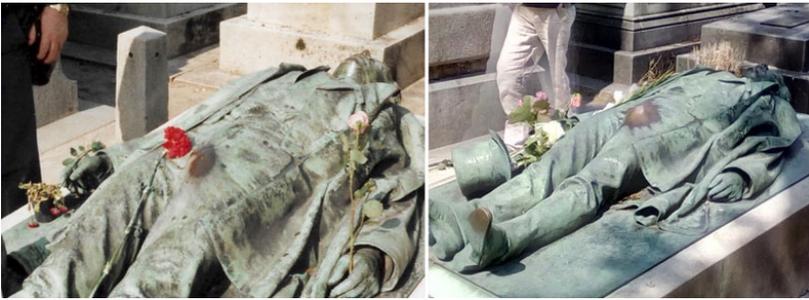


As marcas da presença e devoção mudaram, fitas amarradas aparecem hoje na cerca.

Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

*E flores frescas em vasos<sup>24</sup>. Depois subo novamente em direção à avenida transversal n. 2 para encontrar um banco e me sentar: está tão quente, tenho que tomar água, e já escrever algumas notas antes de me esquecer. Todos são calorosos, olhamos uns para os outros, sorrimos, procuramos lugares livres nos bancos. Há também alguns funcionários do cemitério trabalhando com seus tratores para regar certas áreas, ou, não muito longe do túmulo de Morrison, lavando os paralelepípedos das vielas com uma lavadora de alta pressão. Do meu banco posso ver três jovens moças sentadas na beira da calçada oposta, cerca de cinquenta metros de distância. Elas parecem estar esperando, talvez em frente ao túmulo de Victor Noir. E, de fato, quando me aproximo, elas ainda estão lá, esperando que um fotógrafo termine de tirar fotos da escultura. Eu mesmo dou a volta na sepultura, sempre florida (inclusive dois gladiolos vermelhos colocados ao longo de seu braço)<sup>25</sup>, noto o impacto da bala, muito polido, e o brilho da área genital, dos pés, da testa, do nariz, do queixo (Figura. 3).*

Figura 3 – Victor Noir, em 1987 (esquerda) e 2018 (direita)



Uma reputação imaculada, uma prática que se mantém e até mesmo crescente.

Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

*Uma delas se aproxima e, furtivamente, chega a olhar para o rosto de Victor Noir. Ela fala inglês, eu lhe pergunto se ela conhece a história deste personagem, ela me diz que sim, que elas já o visitaram durante um estágio, que ela voltou para ver essa escultura, e rapidamente coloca a mão na área genital brilhante. [...] Ela concorda em posar novamente para que eu tire uma foto. Sorria, agradeço e me afasto. E já outras pessoas, um casal, vêm visitar a famosa escultura. [...] Agora procuro um túmulo devocional, a do espírita Louis Haasser, mas [...] sinto-me bastante atraído por este pequeno grupo que, guiado pela mais jovem que segura seu telefone celular na mão e parece puxar seus pais atrás dela, passa entre os túmulos de várias fileiras. Nós nos cruzamos, eu sorrio, eles estão perdidos, sim. Um funcionário que está regando nas proximidades pergunta se eles estão procurando por Sarah Bernhard, que está “bem ali”, mas não, eles estão procurando por Mouloudji. Juntos em frente à Mouloudji, depois, mais adiante, em frente a Simone*

*Signoret, atrevo-me a perguntar à jovem se existe um aplicativo para baixar do cemitério Père-Lachaise. Ela me diz que sim, me mostra, e em sua tela aparecem não nomes, mas especialidades: notas musicais para os cantores, máscaras de carnaval para o pessoal do teatro – ela me explica – e assim por diante. E acima, dependendo da nossa geolocalização, o nome da pessoa correspondente. Para minha grande surpresa, é Yves Montant quem é mencionado e não Simone Signoret, em quem eu tinha pensando no cemitério por um tempo mais longo. [...] É fácil encontrar o santuário de Alan Kardec, pois na esquina de uma avenida e de um caminho, as pessoas estão sempre reunidas ali, por devoção ou curiosidade. O túmulo é muito, muito florido, e parece que o falecido Marquês ao lado aprecia as flores de Kardec que “transbordam” de seu próprio monumento. O busto é muito amarelo e brilhante do lado direito, onde o devoto apoia a mão para meditar. Consegui tirar uma foto de uma mulher nesta posição em abril passado<sup>26</sup> (Figura 4).*

Figura 4 – Alan Kardec



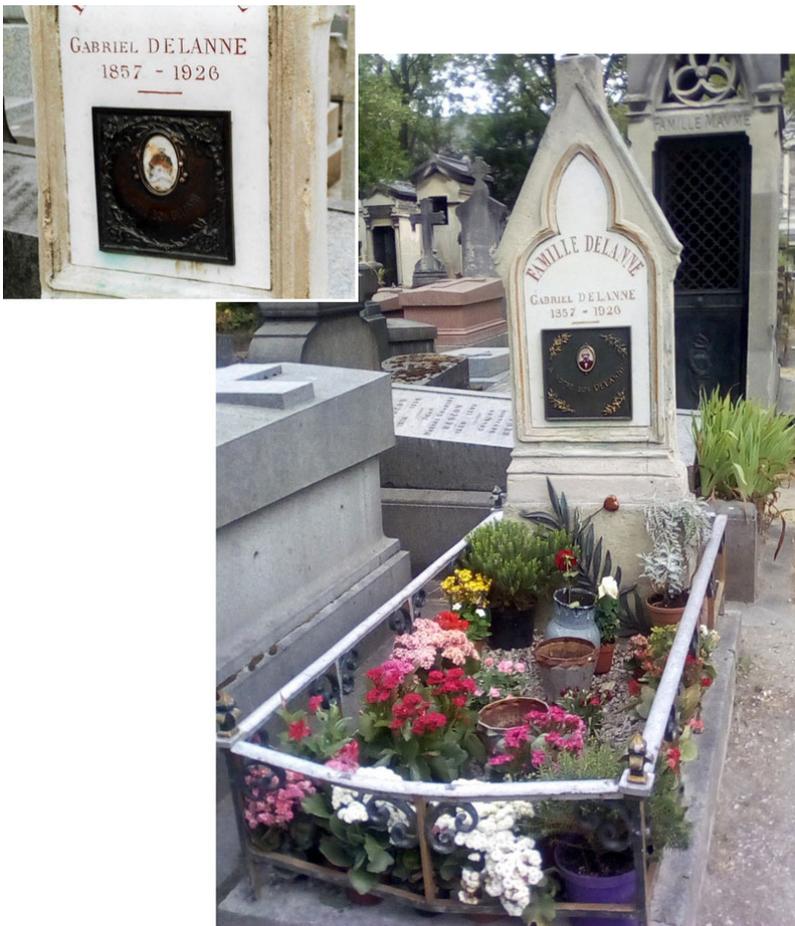
A partir de agora, a mão apoiada no lado direito, 2018.

Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

*Um outro espírito deveria estar por perto, de acordo com meu mapa anotado. Eu olho em volta. Um senhor vem espontaneamente em meu auxílio, perguntando-me quem estou procurando. Respondo-lhe “Delambre” (meu mapa é velho e desgastado, o nome não está muito visível), ele não vê; não significa nada para ele. Andamos juntos por um tempo. Então eu me lembro que tenho fotos de 1987 na minha bolsa, eu saio e lhe mostro. E sim, é claro que ele conhece “Delanne”, me acompanhando até lá. [...] é quase o mesmo circuito de Kardec,*

*diz ele. E ele vai embora – como que por discrição para me deixar sozinha com a pessoa que eu estou procurando. Ele me mostrou a placa no verso da lápide, [...] algumas sepulturas especiais [...] agora trazem informações sobre a pessoa, para turistas e visitantes. Fotos. O túmulo é decorado com flores frescas. Mas é somente quando chego em casa que comparo as fotos de 1987 e 2018, para perceber que o ornamento uma vez tocado em seus relevos foi alterado. Hoje não há vestígios de toque; a foto do espírito é de melhor qualidade; os relevos mudaram e a prática de tocar o túmulo parece ter caído (Figura 5).*

Figura 5 – Gabriel Delanne, em 1987 (esquerda) e 2018 (direita)



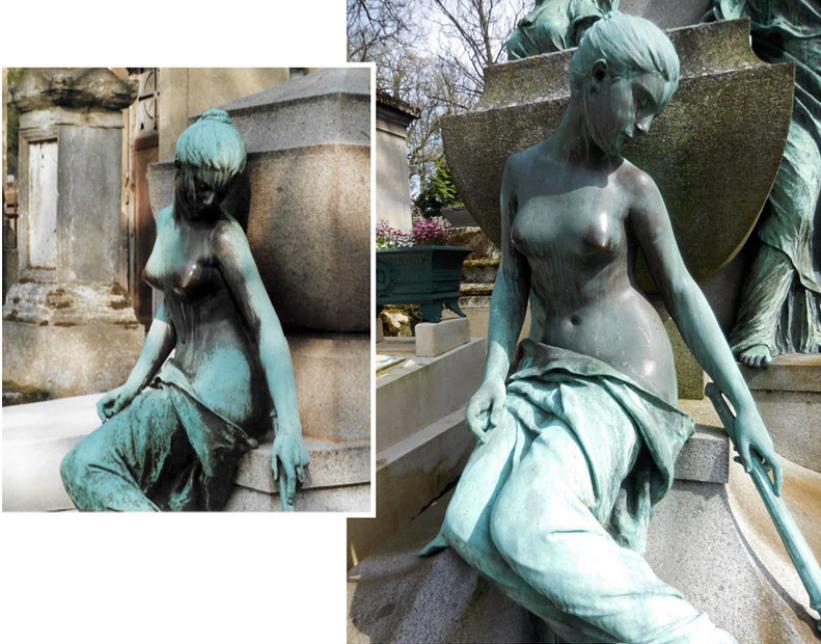
A placa antiga, que tinha sido tocada em seus relevos foi alterada, uma nova foto foi afixada, não há mais vestígio de contato.

Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

*[...] Encontro o senhor que me levou até um busto que ele está acostumado a tocar quando passa, porque “ele tem uma boa cabeça e está no seu caminho”. Mas o crânio não é brilhante por isso. Quantas mãos devem tocar e com que frequência para que um brilho bonito surja de um bronze patinado? Alguém já fez esta pergunta? Dirijo-me ao túmulo de Proust e depois continuo até a Praça dos Muçulmanos, onde o túmulo de Sadegh*

*Hedayat é amplamente florido e visitado. Infelizmente, [...] eu não tenho uma foto da época para comparar e identificar possíveis mudanças nas práticas. Terminei meu passeio com Barbedienne<sup>27</sup> (Figura. 6). Paris, quinta-feira, 26 de julho de 2018.*

Figura 6 – Ferdinand Barbedienne, em 1987 (esquerda) e 2018 (direita)



A mesma jovem do monumento, o seio resplandecente continua a ser tocado regularmente.

Fonte: Acervo pessoal da autora deste artigo

Com esta visita comemorativa e recreativa, eu queria lembrar um pouco de Colette. Para lhe dizer: sim, ainda é fácil de encontrar pessoas, de falar com elas em francês, inglês ou espanhol, sorrir para elas, segui-las, pedir-lhes informações. Sim, os “assíduos” do setor ou divisão continuam a dar informações com prazer, acompanhando até a sepultura desejada, depois desaparecem e reaparecem de vez em quando. Os gatos desapareceram, provavelmente erradicados pelo município, o que a deixará triste, enquanto os corvos tomam conta do local aos pés dos visitantes. As pessoas se divertem no cemitério Père-Lachaise, como se estivessem em uma caça ao tesouro onde descobertas casuais são feitas ao longo do caminho. Ainda não há audioguia como nos museus? Isso não deve demorar muito, sem dúvida, a menos que o objetivo continue sendo a visita de uma determinada sepultura em particular, como no caso do senhor para Piaf, ou mesmo da senhora para Dalida, e das outras pessoas “privada” do lugar. Este anonimato, cujos códigos e princípios ela decifrou, que permite encontros sem acompanhamento, a ausência de medo, e mesmo aqui uma espécie de benevolência para com os outros, continua a ser operativo e operacional neste lugar. Porque ela tinha escolhido bem este lugar. No entanto, cerca de trinta anos depois, a estudante que eu não sou mais é obrigada a deixar essa parte do encantamento lá. A pesquisa começa com

questionamento e preocupação, a ciência não é só observação, dificilmente desejando hoje voltar ao caminho do cemitério e Colette Pétonnet, de seu texto, deste método, com meus próprios alunos. O tempo passou. Portanto, vamos manter a memória desta caminhada, deste retorno, de um sorriso. Alguns passos com Colette Pétonnet.

## OBJETOS, MUSEUS E SOCIEDADES

Para esta seção do FloriLESC, aqui em homenagem aos nossos ex-membros do laboratório, foram atribuídos vários objetivos, entre eles o de questionar o possível legado dos métodos e teorias da autora, de enfatizar a permanência ou, ao contrário, a superação de algumas de suas abordagens antropológicas ao longo das décadas, ou ainda explicar como o texto escolhido correspondeu a um momento crucial em sua carreira intelectual. As homenagens prestadas a Colette Pétonnet parecem suficientemente numerosas e eloquentes para que a contribuição de sua pesquisa seja claramente afirmada, na França e no Brasil<sup>28</sup>, tanto para os especialistas do urbano que, com ela – ou em seu rastro – se apressaram em pesquisar sobre a cidade, ainda em sua infância na França da época, com contornos e problemas que precisavam ser definidos, quanto para todos aqueles que hoje concentram suas pesquisas nos jardins, nesta “natureza selvagem na cidade [...], neste continuum que vai da cidade para o campo e do campo para a cidade, e que a antropologia urbana é obrigada a pensar” (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 31, 27) – esta nova área em que ela havia começado a trabalhar nos últimos anos<sup>29</sup>. Com “*L’observation flottante...*” um novo caminho é aberto. É um método a ser explorado, amplamente experimentado. Trata-se de uma inovação, uma criação, cujos limites também serão testados. Este texto é, e continuará sendo, aquele famoso artigo e momento crucial associado às pesquisas antropológicas sobre a cidade, provavelmente escrito quando Colette tinha acabado de entrar no nosso laboratório, e cuja ideia de adequar o método ao campo, de encontrar o “método certo” de acordo com as características do lugar, mesmo que isso signifique sempre reinventar novos, ficará, sem dúvida, o legado mais convincente. Como é o caso de todo trabalho de Colette Pétonnet, que está cheio de pistas e boas ideias a serem apreendidas.

Da minha parte, ter tido a oportunidade de conhecer Colette Pétonnet foi, é óbvio, ao mesmo tempo marcante e decisivo, influenciando minha maneira de trabalhar, oferecendo, pela sua presença e pelo seu temperamento, novas e possíveis formas de me afirmar e me expressar de forma diferente. Ao relê-la, fiquei surpreso ao descobrir que ela nos convidava a trabalhar em infraestruturas, e em particular na água – certamente água e esgotos urbanos, uma etnografia “complicada, difícil porque está entrelaçada, mas formidável” (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 27-28), que Agnès Jeanjean (2006) tão notavelmente conseguiu realizar e dar a entender. Ela também utilizou o vocabulário e as metáforas da

água – ou, mais precisamente, da hidrodinâmica – para falar sobre a cidade e seus fluxos, como se fosse um líquido que se propaga, tendo dedicado um artigo a esse exercício de estilo, que também visava “nos conscientizar de nossos hábitos mentais e do que eles revelam”<sup>30</sup>. É preciso lembrar que sua aprendizagem foi com André Leroi-Gourhan e Roger Bastide, no Musée de l’Homme e no Museu Nacional de História Natural, e que esta abordagem certamente lhe convidou a olhar de muito perto para as coisas e as pessoas. As coisas, essas infraestruturas e objetos que nos rodeiam e com os quais nos cercamos. E essas pessoas, que formam sociedades, contam suas histórias através de suas viagens e de seus bens, da perda de seus entes queridos, animais, objetos ou mobilidade, vivem em cidades ou favelas, no campo, espalhadas ou espremidas. Não posso dizer se isso influenciou minha pesquisa, que também se concentrará no objeto, tanto no Musée du quai Branly com meus alunos de mestrado, como com meus colegas arqueólogos em torno do volume *L’objet de main en main*<sup>31</sup> – onde tive a ideia de integrar a pesquisa sobre as estátuas esfregadas e polidas de Père-Lachaise, sem ter tido tempo de realizá-la (WATEAU; ROUILLARD, 2010a) –, e depois o coletivo de artigos *Profil d’objets*, que no final retomou, com os senhores da academia, o que pedi aos meus alunos (WATEAU *et al.*, 2011). Mas, sem dúvida, ela moldou a minha formação, como todos os outros professores aos quais também devo a minha carreira, mas ela o fez da mesma forma que o ferreiro manuseia seus instrumentos e o fogo, com consciência, prudência, coragem e determinação, medindo a eficácia do gesto técnico e suas implicações no resultado a ser obtido. Gostaria de me concentrar em um último artigo, que também trata de objetos, de museus, de modernidade e de futuro (PÉTONNET, 2008b). Sem dúvida, ela foi convidada a pensar no que seria para ela um museu do mundo moderno e, em particular, o que poderia conter de novidade o Musée de l’Homme, que foi despojado de suas reservas e fechado em 2003, pois Colette propõe uma reflexão sobre os objetos multimídia, os eventos atuais e as inovações. Seu “antimuseu” torna-se, então, uma espécie de “catedral vazia” onde os eventos atuais seriam permanentemente projetados nas paredes, a partir de produtos filmados, reportagens, *clips* etc., escolhidos cuidadosamente; enquanto outro edifício se concentraria na ideia de inovação, a *alta tecnologia*, da miniatura à gigantesca, das minúsculas próteses articulares ao colossal hotel de vinte mil quartos em Macau, o volume desproporcional do nosso lixo, ou seja, uma “reflexão materializada e atualizada, buscando redefinir os limites do humano para além do envelope corporal ou étnico” (PÉTONNET, 2008b, p. 699). Esta proposta faz lembrar alguns dos trabalhos realizados hoje no Lesc<sup>32</sup>. Tantas vias, sempre mais fecundas, muitas vezes assumidas e exploradas por outros, seus sucessores naturais ou não.

\*\*\*

No cemitério, Colette Pétonnet havia esquecido a morte, mais interessada em encontrar o método certo para trabalhar na cidade do que em realmente perceber em que espaço ela se encontrava. Ela afirma isso em seu artigo, referindo-se ao “petit père”:

[...] Ele é inesgotável e nos fala do cemitério “seus 44 hectares, suas 12.000 árvores e seus 200 gatos (para os gatos, há as senhoras), os 25.000 espaços no columbário (o crematório não pode ser visitado, mas se você der uma grana aos coveiros...)”. [...] Pode-se obviamente questionar sobre a sua relação com sua própria morte. Mas esse não é o nosso objetivo [...]. (PÉTONNET, 1982, p. 41)

Então, com o passar dos anos e a morte de seu pai, ela disse:

[que] de repente, eu me vi na “esteira rolante”, como todos aqueles velhos que me disseram: “Já perdemos Fulano; Fulano e Fulano estão mortos”. E a partir daí, eu não podia continuar, [...] eu não voltei, eu fechei as anotações. [...] está em uma pasta preta cheia de pó, em um canto do apartamento, é isso. Talvez um dia eu volte a ela. (PÉTONNET; LACASCADE, 1998, p. 22-23)

Nunca mais encontrei Colette Pétonnet. Por estima e preocupação com a memória, para cumprimentá-la, fui ao seminário em sua homenagem no Museu de História Natural em outubro de 2013, “*Les sentiers de l’ethnologie urbaine avec Colette Pétonnet*”, mas já parecia tudo fora do lugar. Ainda mais que um bonito e rico encontro, Colette Pétonnet permanecerá para mim uma pessoa bonita e preciosa.

## REFERÊNCIAS

BELTRAME, Tiziana Nicoletta; HOUDART, Sophie; JUNGEN, Christine. (org.) Parler depuis l’infime: une introduction, **Techniques & Culture**, Paris, EHESS, n. 68, p. 10-25, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/tc.8552>.

BELTRAME, Tiziana Nicoletta; HOUDART, Sophie; JUNGEN, Christine. (org.). Mondes infimes, **Techniques & Culture**, Paris, EHESS, n. 68, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/tc.8546>.

CHEVALLIER, Denis; TASTEVIN, Yann Philippe (org.) **Vie d’ordures: de l’économie des déchets**, catalogue d’exposition. Marselha: Mucem/Éditions Artiy, 2017.

DITTMAR, Pierre-Olivier; FABRE, Pierre-Antoine; GOLSENNE, Thomas; PERRÉE, Caroline (org.). “Matérialiser les désirs. Techniques votives”. **Techniques & culture**, Paris, EHESS, n. 70, p. 269, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/tc.9361>.

DAPHY, Eliane (org.). **Paroles offertes à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite.** Au Chalet du Lac. 23 set. 1995. Laboratoire d'anthropologie urbaine (UPR 34 CNRS), 43 p., 1996. Disponible em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00004529v2>.

DELAPORTE, Yves. Les chats du Père-Lachaise. Contribution à l'ethnozoologie urbaine, **Terrain**, [s.l.], n. 10, p. 37-50, 1988. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrain.2927>.

FLICHE, Benoît; PENICAUD, Manoël. Hétérographies du désir. Pratiques votives au monastère de Saint-Georges (Büyükkada, Istanbul), **Techniques & Culture**, Paris, EHESS, n. 7, p. 142-161, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/tc.9766>.

FONSECA, Claudia; TURRA MAGNI, Claudia. Homenagem a Colette Pétonnet, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 405-411, jan.-jun. 2014.

GIAMPAOLI, Michelangelo. **Il cimitero di Jim Morrison – Trasgressione e vita quotidiana tra le tombe ribelli del Père-Lachaise di Parigi.** Tarquinia: Stampa Alternativa, 2010.

GIAMPAOLI, Michelangelo. Rock Around the Grave. La tombe de Jim Morrison au Père-Lachaise, **Ethnologie française**, [s.l.], v. 42, n. 3, p. 519-529, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3917/ethn.123.0519>.

GRIMAUD, Emmanuel; PARE, Zaven. **Le jour où les robots mangeront des pommes.** Paris: Éditions Petra, 2011. Col. Anthropologiques.

JAQUET, Chantal. **Les transclasses ou la non-reproduction.** Paris: Presses universitaires de France, 2014.

JEANJEAN, Agnès. **Basses œuvres: une ethnologie du travail dans les égouts.** Paris: Éditions du CTHS, 2006.

KATUSZEWSKI, Jacques. “Nous sommes tous dans le brouillard”. In: DAPHY, Éliane, *et al.* (org.). **Paroles offerts à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite.** Ivry-sur-Seine: Laboratoire d'anthropologie urbaine (UPR 34 CNRS), 1996. p. 17-20.

LACASCADE, Yves. L'empirisme irréductible de Colette Pétonnet, **Journal des anthropologues**, Charenton-le-Pont, v. 134-135, p. 291-295, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/jda.4843>.

LEROI-GOURHAN, André. **Le geste et la parole.** Paris: Albin Michel, 1964.

MILLIOT, Virgínia. Expériences de la foule et lois d'équilibre de l'anonymat. In: RAULIN, Anne; PARSAJOUH, Sepideh; BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. (org.). **Ces villes-là: actualité de Colette Pétonnet.** Nanterre: Presses universitaires de Paris Nanterre, 2018. p. 35-54.

NOIRIEL, Gérard; WEBER, Florença. Journal de terrain, journal de recherche et auto-analyse: entretien avec Florence Weber, **Genèses**, n. 2, p. 138-147, 1990. DOI: <https://doi.org/10.3406/genes.1990.1035>.

PAIS DE BRITO, Joaquim. “L’objet, le musée et la main interdite”, **Mélanges de la Casa de Velázquez**, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 143-145; 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.3363>.

PAQUOT, Thierry. Une anthropologue en ville: Colette Pétonnet (1929-2012), **Métropolitiques**, 13 mar. 2013. Disponível em: <https://metropolitiques.eu/Une-anthropologue-en-ville-Colette.html>. Acesso em: 5 dez. 2022.

PÉTONNET, Colette. **Ces gens-là**. Préfácio de Roger Bastide. Paris: François Maspero, 1968.

PÉTONNET, Colette. **On est tous dans le brouillard**: ethnologie des banlieues. Paris: Ed. Galilée, 1979.

PÉTONNET, Colette. L’Observation flottante. L’exemple d’un cimetière parisien, **L’Homme**, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 37-47, 1982. Etudes d’anthropologie urbaine. DOI: <https://doi.org/10.3406/hom.1982.368323>.

PÉTONNET, Colette. La Pâleur noire Couleur et culture aux États-Unis, **L’Homme**, [s.l.], v. 26, n. 97-98, p. 171-188, 1986. DOI: <https://doi.org/10.3406/hom.1986.368682>.

PÉTONNET, Colette. Variations sur le bruit sourd d’un mouvement continu. In: GUTWIRTH Jacques; PÉTONNET, Colette (Ed.). **Chemins de la ville**: enquêtes ethnologiques. Paris: C.T.H.S., 1987a. p. 247-258.

PÉTONNET, Colette. “L’anonymat ou La pellicule protectrice”, **La ville inquiète**. Le temps de la réflexion n. VII. Paris: Gallimard, 1987b. p. 247-261

PÉTONNET, Colette. **On est tous dans le brouillard**. Préfácio de André Leroi-Gourhan. Paris: C.T.H.S., 2002.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. Traduzido por Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008a.

PÉTONNET, Colette. “Impossible musée ou musée des possibles?”, **Ethnologie française**, [s.l.], v. 38, n. 4, p. 697-700, 2008b.

PÉTONNET, Colette. **Variations sur la ville**: textes et conférences d’ethnologie urbaine 1970-2010. Paris: CNRS Éditions, 2018.

PÉTONNET, Colette; LACASCADE, Yves. Autobiographie au pas de charge d’une anthropologue urbaine. Terrains vagues. **Cahiers d’anthropologie urbaine**, Montpellier, ECAM, v. 3, p. 7-34, 1998.

PÉTONNET, Colette; POUCHELLE, Marie-Christine. Le rôle de l’ethnologue dans sa société. In: SEGALIN, Martine. **L’Autre et le semblable**: Regards sur l’ethnologie des sociétés contemporaines. Paris: CNRS Éditions, 1989. p. 179-191.

RAULIN, Anne. Solennités et insolences. *In*: DAPHY, Éliane *et al.* (org.). **Paroles offerts à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite**. Ivry-sur-Seine: Laboratoire d'anthropologie urbaine (UPR 34 CNRS), 1996. p. 11-15.

RAULIN, Anne. L'ethnologue et ses retours critiques. Colette Pétonnet, du Maroc à New York. *In*: RAULIN, Anne; PARSAJOUH, Sepideh; BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. (org.). **Ces villes-là: actualité de Colette Pétonnet**. Nanterre: Presses universitaires de Paris Nanterre, 2018. p. 15-33.

RAULIN, Anne; PARSAJOUH, Sepideh; BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. (org.). **Ces villes-là: actualité de Colette Pétonnet**. Nanterre: Presses universitaires de Paris Nanterre, 2018.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação Flutuante: uma observação 'desendereçada'. **Antropolítica**, Niterói, v. 25, p. 193-196, 2008.

SIMÕES, Soraya Silveira. "Ces gens-là", ici et là-bas. Colette Pétonnet à Rio de Janeiro. *In*: RAULIN, Anne; PARSAJOUH, Sepideh; BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. (org.). **Ces villes-là: actualité de Colette Pétonnet**. Nanterre: Presses universitaires de Paris Nanterre, 2018. p. 187-201.

TERROLLE, Daniel. Les exigences de l'amitié et de la rigueur scientifique, *In*: DAPHY, Éliane *et al.* (org.). **Paroles offerts à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite**. Ivry-sur-Seine: Laboratoire d'anthropologie urbaine (UPR 34 CNRS), 1996. p. 29-31.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2v.

WATEAU, Fabienne. **Profils d'objets**. Approches d'anthropologues et d'archéologues. Paris: Editions De Bockard, 2011. Col. Colloques de la Maison René-Ginouvès, 7.

WATEAU, Fabienne (org.). **Recherches en anthropologie au Portugal**, n. 1, 2001a. "La ville sensible".

WATEAU, Fabienne. Objet et ordre social. D'une canne de roseau à mesurer l'eau aux principes de fonctionnement d'une communauté rurale portugaise, **Terrain**, [s.l.], n. 37, p. 153-161, 2001b. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrain.1364>.

WATEAU, Fabienne; PAIS DE BRITO, Joaquim (org.). Entre cosmopolitisme, trajectoires et subjectivités: Moments partagés avec Gilberto Velho, **Ateliers d'anthropologie**, [s.l.], v. 41, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/ateliers.9756>.

WATEAU, Fabienne; ROUILLARD, Pierre (org.). L'objet de main en main, **Mélanges de la Casa de Velázquez**, [s.l.], v. 40, n. 1, 2010a. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.3192>.

WATEAU, Fabienne; ROUILLARD, Pierre. "Présentation". L'objet et la main. **Mélanges de la Casa de Velázquez**, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 9-16, 2010b. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.3237>.

WILLIAMS, Patrick. L'aventure américaine, *In*: DAPHY, Éliane, *et al.* (org.). **Paroles offerts à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite**. Ivry-sur-Seine: Laboratoire d'anthropologie urbaine (UPR 34 CNRS), 1996. p. 21-28.

WILLIAMS, Patrick; GIAMPAOLI, Michelangelo. "In memoriam. Colette Pétonnet, 1929-2012", **Ethnologie française**, [s.l.], v. 43, n. 3, p. 559-560, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/ethn.133.0559>.

### Fabienne Wateau

*Fabienne.wateau@cnrs.fr*

Diretora de pesquisa da CNRS, Lesc-UMR7186 (Université Paris Nanterre/CNRS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7187-0332>

### NOTAS

- <sup>1</sup> Tradução feita a partir do artigo original em língua francesa publicado em <https://journals.openedition.org/ateliers/15683>.
- <sup>2</sup> NT: *Cité de transit* é um conjunto de habitações construídas para alojar temporariamente populações em situação precária. No Brasil é algo semelhante aos albergues.
- <sup>3</sup> NT: no original, *thèse d'état*, uma tese de habilitação (livre-docência) apresentada como pré-requisito para lecionar na universidade. No Brasil, a tese de livre-docência é requisito somente em São Paulo na "Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP). Entretanto, nas universidades federais a livre-docência praticamente desapareceu visto que o doutor que já for professor-adjunto pode prestar concurso para professores titular caso haja vaga." (cf. ANPG disponível em: <https://www.anpg.org.br/16/08/2018/o-que-e-livre-docencia-como-ela-funciona/>).
- <sup>4</sup> Este artigo está disponível *on-line*: <https://doi.org/10.3406/hom.1982.368323>.
- <sup>5</sup> NT: *Le gisant*, monumento funerário de bronze que repousa sob a lápide, em tamanho natural, em estilo naturalista de autoria de Jules Dalou, que representa o falecido com cabelos despenteados, boca entreaberta e sangue nos lábios, dando a sensação de que ele despertará a qualquer momento.
- <sup>6</sup> Vários escritos já prestaram homenagem a Colette Pétonnet (ver, entre outros: DAPHY *et al.*, 1996; FONSECA; TURRA MAGNI, 2014; RAULIN *et al.* 2018) e os comentários de seus colegas sobre sua personalidade que quase sempre se misturam, com contraste e harmonia, suas frontalidades e sensibilidades: "[...] uma tarde [...] encontrei uma leoa andando em círculos nesta biblioteca [...] e recebi a mais bela bronca da minha vida [...]. Eu gostava do personagem então, [...], porque ele era inteiro, direto, sem nenhuma dissimulação

hipócrita. [...] Compreendi depois, mais tarde, que seus rompantes eram proporcionais à sua timidez e que sua violência e, por vezes, a sua brutalidade verbal eram iguais apenas por sua extrema sensibilidade” (TERROLLE, 1996, p. 29-30). Ou ainda: “Ousarei dizer que hoje eu aprecio a pessoa ainda mais do que suas obras? Acima de tudo, eu amo o que pessoas consideram um defeito, o seu brilho, o seu tom rude e a sua franqueza como camponesa de Poitou, que me faz lembrar da minha mãe, que é de origem polonesa, e que andam de mãos dadas com uma simpatia, generosidade, abnegação e preocupação constante com os outros” (KATUSZEWSKI, 1996, p. 19).

- 7 “Com a astúcia de um estrategista militar, ela desembarcou com suas tropas”, disse mais tarde Claudia Fonseca sobre um projeto de trabalho de campo realizado com estudantes brasileiros em um pequeno circo em Porto Alegre [...], onde todos tinham que “colocar a mão na massa”, e onde Colette delegou uma equipe para estudar os gestos e o *savoir-faire* da montagem do grande toldo; outra para estudar o deslocamento, o cuidado e o treinamento dos animais; uma pessoa para questionar a estratégia logística do dono do circo; outros para ouvir a história dos artistas etc. (FONSECA; TURRA MAGNI, 2014, p. 408).
- 8 E em outros lugares: ônibus, jardins públicos, centros comerciais, parques, bibliotecas, sala de espera dos veterinários ..., e no Brasil, em um circo.
- 9 Para mais desenvolvimento sobre essa mudança de “observação flutuante” para “observação desendereçada”, bem como sobre a possível articulação entre a observação flutuante e uma técnica de psicanálise, ver o artigo de Silveira Simões (2008). Uma análise também é oferecida para uma compreensão comparativa da observação participante e da observação flutuante: “A observação flutuante, por princípio, termina onde começa a observação participante” (SILVEIRA SIMÕES, 2008, p. 195).
- 10 Jeanne Brody (1996, p. 37) fala de um “olho que via bem”, do olhar etnológico que Colette Pétonnet dominou e nos ensinou a aguçar. Enquanto Patrick Williams (1996, p. 23) recorda a aplicação dos princípios que ela ilustrou, e por vezes ensinou, ao longo da sua carreira: 1) descrever (o que se pressupõe obviamente que se saiba olhar); 2) confrontar as observações e os discursos (o que pressupõe que se saiba deixar as pessoas falarem e que se saiba ouvir, mesmo o que não é dito); 3) situar este compêndio em um contexto relevante; e 4) não se assustar com as implicações que podem ser extraídas do quadro assim composto.
- 11 Ver, por exemplo, dois volumes de revistas que coeditei, um sobre a “cidade sensível” (WATEAU, 2001a); o outro sobre o antropólogo brasileiro Gilberto Velho, especialista (entre outros) na classe média urbana do Rio de Janeiro (WATEAU; PAIS DE BRITO, 2015).
- 12 No fundo, eu não teria feito este estágio no Musée de l’Homme, em Paris, mas de certa forma no Museu Nacional de Etnologia em Lisboa, quando dei as minhas “canas de medição de água” e foi-me, então, solicitado fazer o exercício muito preciso do registro do museu. Ver, por exemplo, Wateau (2001b).

- <sup>13</sup> Florence Weber diz: “Podemos definir as regras de estudo de si mesmo. Parece-me que se a pessoa não estuda a si mesmo, não se pode dizer muito sobre o que se viu do universo social [...] eu diria que se deve tentar fazer uma análise “externa” de si mesmo e uma análise “compreensiva” dos outros [...] Voltemos à autoanálise horizontal, que na realidade é apenas o uso ideal do diário de campo do etnógrafo” (WEBER, *in* NOIRIEL, 1990, p. 138, 143, 145). Ver também Jaquet (2014).
- <sup>14</sup> Por exemplo, ver os dois volumosos volumes de Clarival do Prado Valladares (1972). Entre outras coisas, eles lidam com o “grande cemitério Père-Lachaise, fundado em 1804 [...] que era um bosque, continua a ser e que nunca perdeu sua importância [...] ao contrário dos cemitérios brasileiros (1972, p. 588, tradução do autora).
- <sup>15</sup> A este respeito ver o estudo da etnozoologia urbana por Yves Delaporte (1988).
- <sup>16</sup> “Trazidos em sacos plásticos ou sacolas, a comida do gato, apresentada na forma de uma bandeja de comida congelada com tampa, é colocada sob certas sepulturas ou dentro de capelas. Às vezes, os alimentos são adicionados a essas bandejas, mas, na maioria das vezes, elas são retiradas e trocadas. [...] colocadas em lugares selecionados e abrigados: uma antiga lápide quebrada torna-se um telhado e o esconderijo ideal [...] da mesma forma, em algumas capelas também, “camas” são feitas para o inverno; pedaços de tapete ou carpete, lona plástica, velhos suéter de lã são requisitados e colocados nesses lugares: “de vez em quando trazemos tudo de volta e lavamos, é melhor” [...] Algumas vezes, na lápide plana de Davi, duas fileiras atrás, eles emergem das caixas acolchoadas nas quais os gatos descansam. Sentados, elas falam sobre sua saúde (a dos gatos, é claro) [...] Esta área de gatos não tem exatamente as mesmas características: em primeiro lugar, o senhor encarregado é mais jovem e vem de carro, a comida não é espalhada sob os túmulos, mas colocada em uma única capela, vinte gatos a frequentam e depois se dispersam, a capela é varrida regularmente (uma vassoura de palha repousa atrás da porta) e oito pratos são dispostos no altar. [...] Mais adiante, perto de Victor Noir, velhos guarda-chuvas abertos também servem de abrigo” (*Caderno de campo*, 1987, p. 11-12, 16).
- <sup>17</sup> “A Praça Casimiro Périer, talvez porque seu acesso não exija subir escadas, é ocupada principalmente por pessoas idosas, mesmo as muito velhas, que ali se encontram diariamente à tarde (“não, só à tarde, de manhã está muito frio”), para aproveitar o ar fresco. [...] É também a oportunidade para outra senhora dos gatos, que sempre se senta ali, no primeiro banco à esquerda de quem entrar na praça pela Avenida Casimir Périer, para informar os muitos turistas ou caminhantes que procuram o túmulo de Jim Morrison” (*Caderno de campo*, 1987, p. 12-13).
- <sup>18</sup> “O túmulo do General Foy, um monumento imponente, parece ser um marco, o que pode ser comprovado pelo fato de que muitos homens estão esperando lá, [...] lendo nos degraus das capelas circundantes [...] os das famílias Ritaud, Mouton ou Duque de Trevisse” (dossiê, 1987, p. 15). “A 25 são os homossexuais; A 69 são as prostitutas”, diz o homem que conhecemos na 42<sup>a</sup>” (*Caderno de campo*, 9 de abril de 1987).
- <sup>19</sup> Para o leitor perspicaz que quer encontrar estas sepulturas, sugiro adotar a lógica das divisões, a divisão real do terreno, ao invés da batalha naval,

- que é obrigado a comprar (por 2,50 euros) o mapa correspondente. Após a menção de cada falecido, aparece a sua respectiva divisão localizada.
- <sup>20</sup> Para uma descrição dos usos e frequências do túmulo de Jim Morrison, ver o artigo de Michelangelo Giampaoli (2012) e, mais detalhadamente, seu livro – tese de doutorado realizada em Nanterre influenciado por Colette Pétonnet – sobre o próprio cemitério Père-Lachaise (GIAMPAOLI, 2010).
- <sup>21</sup> Era o de Georges Rodenbach, cujo mamilo do busto de bronze já foi brilhante.
- <sup>22</sup> Pétonnet, 1987.
- <sup>23</sup> “Uma senhora espantada diz em frente ao túmulo: “Antes, não era assim, [...] havia muito mais flores, elas (as ovelhas) tinham colares ao redor do pescoço, muitos colares, e era muito mais brilhante do que isso, o pé, especialmente o pé brilhava. Em me lembro, eu cheguei mesmo a poli-lo” (*Caderno de campo*, 1987, p. 18).
- <sup>24</sup> « [...] As opiniões se dividem quanto às razões destas visitas: para uns é espiritualista, para outros, é um filósofo florido pela sua sabedoria” (*Caderno de campo*, 1987, p. 19). As fotos de 1987 e 2018 mostram tanto a permanência quanto a mudança de práticas, as fitas são uma novidade. Para comparação, ver número 70 da revista *Techniques et Culture* sobre os ex-votos (COLLECTIF, 2018), e, em particular sobre os fios e as fitas, o artigo de B. Fliche e M. Pénicaud (2018, p. 142-161).
- <sup>25</sup> Em 1987, escrevi em meu caderno: “as flores mudam praticamente de uma semana para a outra: em 2 de abril de 1987, foram colocadas fúcsias brancas; em 9 de abril, pequenos cravos de pompom rosa e para a Páscoa dois ovos pretos no chapéu; em 7 de maio, uma única rosa; e em 3 de junho, uma rosa vermelha na lapela do paletó, 2 cravos brancos desbotados na mão esquerda e algumas flores de seda na mão direita” (*Caderno de campo*, 1987, p. 26).
- <sup>26</sup> Em 1987, “A mão é colocada plana, do lado esquerdo da pedra, ao lado do coração” (*Caderno de campo*, 1987, p. 27). “Mas como a esposa dele está lá, é o bronze do lado direito (do lado dela) que também é afetado” – me disse um interlocutor espontâneo (julho de 2018).
- <sup>27</sup> “De um homem em seus cinquenta anos: ‘Victor Noir é para as mulheres, mas nós também temos, como direi, nosso pequeno prazer, é Barbedienne”” (*Caderno de campo*, 1987, p. 19).
- <sup>28</sup> A “aventura americana” de Colette Pétonnet não foi tão bem-sucedida quanto se esperava. Patrick Williams ressalta, no entanto, que a contribuição essencial no único artigo que ela escreveu após seu trabalho de campo nos EUA. Ver Pétonnet (1986) e Williams (1996).
- <sup>29</sup> A este respeito, ver Daphy (1996).
- <sup>30</sup> Pétonnet (1987<sup>a</sup>, p. 250). Ver, especialmente, as páginas 250 a 253, onde o vocabulário da água e do sangue é posto à prova na cidade e em suas multidões.
- <sup>31</sup> Ver, em particular, a introdução (WATEAU; ROUILLARD, 2010b) e o contraponto (PAIS DE BRITO, 2010).
- <sup>32</sup> Ver, especialmente, o trabalho de Emmanuel Grimaud sobre robótica (GRIMAUD; PARE, 2011) ou de Sophie Houdart sobre o infinitamente pequeno (BELTRAME *et al.*, 2017), e fora do Lesc de Denis Chevallier e Yann Philippe Tastevin sobre resíduos em escala global (2017).